

MINHA LADY WILKINSON

Mandei uma mensagem de texto para ela naquela mesma noite, dizendo que ficaria cinco dias e perguntando como ela desejava passar esse tempo.

Mal tive tempo de largar o celular.

Menos de dois minutos depois, chegou a resposta.

“Amanhã de manhã, às onze.

Aqui na minha mansão, em Eaton.

Tomaremos um chá inglês.

Diga-me onde está hospedado.

Darei o endereço ao meu motorista e ele irá buscá-lo.”

Sorri.

A organização era militar.

A elegância era britânica.

O convite era impossível de recusar.

Respondi na hora.

“Às 10h30 estarei em frente ao Four Seasons Hotel.

Estou hospedado ali perto.

Vou a pé.”

Depois fiquei alguns instantes olhando a mensagem antes de mandar outra.

Eu estava genuinamente envolvido com o nosso encontro.

Talvez mais do que estava disposto a admitir.

Tinha a sensação de estar me preparando para uma cerimônia sem Mestre.

No dia seguinte, nós dois chegamos exatamente na hora.

O motorista se chamava Dominique.

Era de origem francesa.

Cortês.

Discreto.

Perfeitamente educado.

Enquanto rodávamos por aquelas ruas, uma sensação estranha tomou conta de mim.

Era como se eu já tivesse estado ali.

Minha memória viajou de repente para 1993.

O mesmo lugar.

Com um ex-colega da Gillette.

Pensei que fosse mera coincidência.

Um daqueles presentes que a vida às vezes oferece sem que ninguém peça.

Entrei no castelo.

Ela continuava a chamá-lo de mansão, por seu natural senso de modéstia.

Para mim, era um castelo.

O segundo que eu visitava na vida.

O primeiro tinha sido o Castelo de Bran, na Transilvânia.

Eu tinha ido lá para encontrar uma diretora extraordinária, uma mulher magnífica que hospedava o conde Vlad, mais conhecido como Drácula, o Empalador.

Encontrei Maggy sentada numa poltrona ao lado do sofá.

Ela me recebeu calorosamente.

Por instinto, busquei sua mão para beijá-la.

Ela, porém, adotou o protocolo francês.

Três beijos.

Éramos simplesmente duas pessoas separadas por gerações e unidas por uma história que nenhum dos dois ainda tinha terminado de contar.

E, pela primeira vez desde a minha chegada, Londres já não parecia uma cidade.

Parecia um destino.

Eu disse a ela que, até onde eu sabia, o ritual do chá inglês pertencia às cinco da tarde.

Pelo menos era o que tinham me ensinado na escola.

Às onze da manhã, porém, eu não conseguia entender o que tinha mudado.

Ela sorriu.

Depois respondeu com a segurança que só pertence a quem viveu o bastante para não precisar mais convencer ninguém.

“Os ingleses tomam chá sempre que parecem estar descansando.

Na realidade, é o momento em que pensam.

É o momento em que tomam decisões.

Não existe hora fixa.

O chá das cinco é apenas um formato que alguém institucionalizou para justificar uma pausa no trabalho.”

Eu a escutei sem interromper.

Era uma mulher forte.

Assertiva.

Determinada.

Elegante.

Incansável.

Inflexível.

Era feita de aço.

Como as suas espadas.

Era Maggy.

Era a minha Lady Wilkinson.

Ferdinando